

ATA DA REUNIÃO DO CONSELHO DE GRUPOS INTEGRADOS DA ALIANÇA ESPÍRITA EVANGÉLICA

1. Data, hora e local: 26 de junho de 2016, às 08h30, Casa Espírita Alvorada de Luz – Avenida Padre Manoel da Nóbrega, 552 - Parque Alvorada – CEP: 14807-155 – Araraquara/SP.

2. Direção da reunião: Guidini (Casa Conselheira Hovsana Krikor – SP Norte), equipes de apoio (EAE, EAE grupos a distância, Mocidade e Evangelização Infantil) e Diretoria da Aliança.

3. Ordem do Dia: 1) Balanço do primeiro ano do CGI; 2) Resultado das ações realizadas pelas equipes de apoio da EAE e Mocidade; 3) Retomada das propostas dos grupos de EAE grupos a distância (EAEgd) e Evangelização Infantil; 4) CVV e a apresentação da Cartilha sobre Suicídio; 5) Proposta para o levantamento de informações sobre o movimento de Aliança; 6) Informações da Diretoria.

4. Verificação de Presença: Eduardo (Diretoria) conduziu a verificação de presença dos grupos integrados. Não houve ausência dos grupos titulares. Os membros suplentes CEMPE (SP Centro) e CECAVI (SP Leste) não estiveram presentes.

5. Sumário dos Fatos e Deliberações:

Abertura: Após a prece de abertura, foi realizada a verificação de presença e a apresentação das casas presentes, por intermédio dos coordenadores regionais. Eduardo (Diretoria) iniciou lembrando os próximos encontros que ocorrerão em Aliança, (encontro de Evangelizadores Infantis, na regional Vale do Paraíba, e os encontros de Dirigentes de Pré-Mocidade e Dirigentes de Mocidade, na regional Minas Gerais - em locais diferentes). Há um esforço das três equipes em trabalharem de forma conjunta, fortalecendo os elos entre os trabalhos.

1º assunto: Guidini (Hovsana Krikor) iniciou lembrando que faz um ano da reunião do CGI na regional Sorocaba em que foi apresentada a proposta de mudança na condução dos assuntos da pauta, passando do modelo anterior para o modelo atual, com novas prioridades (os programas). Isto fez com que o CGI se aproximasse das equipes de apoio neste tempo. Lembrou que, quando uma equipe de apoio tem uma dificuldade, essa dificuldade não é apenas da equipe, mas sim da Aliança como um todo. Trouxe a reflexão “Depois é nunca!”, para verificarmos o que deixamos para realizar depois. Relembra também a importância destas reuniões (CGI) terem um caráter espiritual. Temos a compreensão que o nosso trabalho é voltado ao nosso semelhante, criando condições de aproximá-lo ao Cristo, para que cada um possa trilhar seu caminho de evolução. Trouxe algumas referências para reflexão, citadas por Edgard Armond: “É tempo de voltar à origem dos conhecimentos provindos diretamente de Jesus”; “(...) em todo esse tempo não houve uma compreensão clara e justa da necessidade de preparação individual dos adeptos, nos termos em que o Divino Mestre exigia dos que o procuravam, a todos encarecendo a necessidade das testemunhações pessoais e da vivência dos ensinamentos, que, com tanto amor, transmitia ao mundo”. O novo formato de condução das reuniões do CGI foi dividido em períodos, associado aos anos da EAE: 2015 – grau de aprendiz; 2016 – grau de servidor; e 2017 – grau de discípulo. Hoje encerra-se este primeiro ano das reuniões (período do aprendiz), no qual colocamos prioridade nos programas da Aliança, junto às equipes de apoio, que prepararam e apresentaram seus planos de ação. Portanto, pergunta ao CGI: “Nós adquirimos as virtudes necessárias para aspirarmos ser (um CGI) Servidor?”. Ernani (Minas Gerais) informa que, do que recebeu de informação e retorno sobre o que CGI está acompanhando, como coordenador regional, entende que ainda estamos no grau de aprendiz. Osmar (SP Oeste) diz que houve a necessidade de sair da zona de conforto, ou seja, mudamos a postura do CGI. Mesmo assim, entende que ainda temos trabalho a ser feito, para alcançar ao grau de servidor. Gerson (SP Oeste - CEME) diz entender que estamos prontos a alcançar o grau de servidor, pois, se compararmos à própria EAE, ao final do primeiro ano, ainda não estamos “plenamente prontos”, mas, com o “serviço”, iremos nos completar. Entende que, com tudo o que foi apresentado (planos de ação das equipes de apoio), estamos no caminho certo. Ricardo (ABC – Redentor) diz que evoluímos desde o último ano, principalmente nas atividades de casa conselheira e em nossa postura. Devemos prosseguir neste caminho. Marcos (Sorocaba) faz outra pergunta: “Das casas conselheiras, quantas estão inseridas nas equipes de apoio?”, pois há várias casas conselheiras presentes nesta reunião que estão atuantes nas mesmas. Entende que é um dado relevante para ajudar na reflexão proposta ao grupo. Adalberto (Litoral Centro) entende que, de certa forma, todos somos aprendizes, aprendizes-servidores e aprendizes-discípulos, e o que define o nosso estágio atual, no campo das virtudes, é grau de comprometimento e grau de trabalho, que colocamos em prática no nosso dia-a-dia. Gerson (ABC – Edgard Armond) pergunta, como participante de uma equipe de apoio, “como estamos nos enxergando

nestes graus?”. Geraldo (SP Centro) diz que o nosso cenário está “montado”, no qual as equipes fizeram suas ações iniciais (plano de ação), o CGI fez as suas validações (apresentação durante as reuniões) e muitos de nós estão presentes nestas equipes. Olhando a atividade proposta na última reunião do CGI (visitas das casas conselheiras às demais casas do movimento), estamos bem amparados, pois agora temos uma maior dimensão do movimento e podemos levar isto à todas as casas, conforme dito na mensagem espiritual (“estar presente nas pontas”, que seriam as casas espíritas). Assim, já estamos nesta fase “servidora”. César (Ribeirão Preto) diz que evoluímos no “fazer”, mas temos grande trabalho no “ser”. Somos ou já fomos dirigentes de EAE e cuidamos bastante para termos um ambiente místico durante as turmas. Antes do início da reunião, estávamos todos “bem falantes”. Nos concentramos, fizemos a preparação, mas depois disso, voltamos a esta atribulação. Se na turma de EAE é importante (o ambiente místico, organizado, sereno), nas reuniões de CGI deveriam ser mais ainda. Precisamos “dar o exemplo” neste sentido. Quanto mais cuidarmos do ambiente, mais estaremos amparados para nossa reunião. Guidini (Hovsana Krikor) diz que, de fato, não temos muita escolha de retornar ao grau de aprendiz neste momento, mas sim de continuar em rota de crescimento, tendo atitudes e tomando posturas “pró-ativas”. Na reunião na clínica Francisca Júlia (reunião do grupo de Aliança do Futuro), sentimos todos uma necessidade de mais “pró-atividade”. Este sentimento vem justamente no mesmo tempo desta entrada em uma nova fase pelo CGI, que nos leva a pensar em atitudes efetivas para a melhoria dos nossos programas. Também trouxe dados das EAE (quantidade de turmas por semanas úteis em um ano, levando a aproximadamente 27.000 aulas por ano) e uma reflexão: “O que vamos fazer para que estas aulas sejam melhores (do que foram ano passado)?”. A reflexão não é só para aulas de EAE, mas para que tudo seja melhor (aulas de Mocidade, trabalhos de assistência espiritual, etc). Finaliza dizendo que, ao acompanhar algumas equipes de trabalho, sente que estamos com objetivos bem claros e práticos, trilhando o caminho corretamente.

2º assunto:

EAE - Marcos (EAE – Litoral Sul) inicia lembrando a importância de termos Jesus em nossas EAEs. Entende que a equipe de apoio de EAE está preparada para o segundo ano (grau de servidor), pois acabou por “repetir” o primeiro ano, voltando em pontos que precisavam ser melhorados. Se muitos dirigentes observassem o programa e realmente o seguissem, em nossas turmas, fariam o mesmo com alguns alunos que ainda não estão aptos a mudar de ano (para o grau de servidor). Afinal, o primeiro ano é o mais importante do processo iniciático. Sem o seu entendimento claro, ficará mais difícil o entendimento dos demais graus. Em função do plano de ação, foi feita uma pesquisa junto aos alunos de EAE, realizado no primeiro encontro de alunos. Representa a visão de 15% dos alunos do movimento. A pesquisa foi dividida entre alunos de cada um dos anos da EAE. Em relação ao estudo (leitura de livros), a quantidade de livros lidos pelos alunos aumenta, do primeiro ao terceiro ano. Em relação a se preparar para aula, também houve aumento. Foi perguntado ao aluno “O que ele entende como trabalho?”, sendo que no primeiro ano, a maior pontuação foi para “Evangelho no Lar”, no segundo ano, “parte do processo iniciático”, e no terceiro, um “prêmio”. Gerson (CEME) diz que chamou muita atenção o fato de a pontuação de “caravana”, no primeiro ano, ser muito baixa. Miguel (SP Leste) pergunta se os alunos “só começam a entender o processo iniciático no segundo ano?”, conforme a apresentação. Marcos (EAE – Litoral Sul) responde que sim, conforme o questionário, mas que também não havia esta possibilidade de resposta para os alunos de primeiro ano. Continua com a apresentação (“Qual o objetivo do trabalho em seu processo iniciático?”, “Você sente que está inserido em um processo iniciático?”; “Qual é meu mestre neste processo?”). Alessandra (SP Sul) informa que, quando foi desenvolvido o questionário, estava ligado a cada ano da EAE. Algumas perguntas (como sobre trabalho, por exemplo), podem ser melhor entendidas no segundo ano. É por isso também que as perguntas sobre processo iniciático ocorreram para alunos de segundo ano. Marcos (EAE – Litoral Sul) dá prosseguimento mostrando que, a figura do “dirigente” é apontada como o mestre no processo iniciático, e este dado aumenta, dependendo do ano em que o aluno se encontra. Precisamos refletir sobre isso (papel do dirigente no processo iniciático), pois, dependendo da forma com que esse aluno tem a experiência na EAE, enxergando seu dirigente como mestre, quando ele então for dirigente, será mais propenso a guiar a EAE conforme aquilo que acredita ou entende, e não da forma com que deveria guiar, para que os alunos possam então adentrar em seu processo iniciático. Este tipo de desvio pode também futuramente gerar com que os alunos não ingressem na FDJ. É importante analisar, antes de colocar ou implementar algo na EAE na ânsia de fazer o melhor, se faz parte da essência da EAE. Leandro (SP Leste) compartilha que, recentemente foi feito na regional uma avaliação prévia das cadernetas, para o ingresso. Das 150 cadernetas, apenas 135 foram enviadas, sendo que, após análise dos avaliadores, apenas 60

tinham condições de seguir no processo de ingresso, antes da “triagem” da espiritualidade. Compartilha também que analisou uma amostra de 15 cadernetas, das quais apenas 4 tinham condições de seguir. De todas, o dirigente “terceirizou” a avaliação. Sente que hoje em dia muitos alunos demonstram dificuldades diversas (como identificar sentimentos, ou mesmo a realização das preces). Proposta da regional é conversar com os dirigentes, pontuando estas situações. Marcos (EAE – Litoral Sul) continua dizendo que, ao analisar esta situação, percebe que nos falta coragem (lembrou um caso de um dirigente que trazia uma “cola” da prece dos aprendizes) sobre certos assuntos. Continua dizendo que a pesquisa e o primeiro encontro de alunos de EAE foi muito importante, independente das diferenças que ocorreram nas regionais (como formatos, estruturas, etc). Assim, a equipe sugere que estes encontros aconteçam de forma anual, sendo que a equipe de fique a cargo de estruturar o conteúdo dos mesmos. Leandro (SP Leste) informa que a regional não realizou o encontro (“evento”), pois entendem que esta atividade deve surgir de uma forma diferente. Portanto, mesmo que seja definido no âmbito do movimento de Aliança como um todo, a regional SP Leste não fará este encontro. Irão realizar esta proposta seguindo o modelo de Cuba, entendendo que é mais proveitoso pequenos núcleos (entre turmas ou entre casas), do que como um evento. Marcos (EAE – Litoral Sul) explica que, olhando a realidade atual (diferente da realidade de Cuba) e a experiência de quem participou do encontro, continuam entendendo que é sim uma ótima oportunidade. Este ano foi a primeira vez, foi um teste e ninguém sabia qual seria o resultado. Hoje, após a realização, sabemos que é sim um ótimo encontro. Lucélia (Litoral Sul) questiona sobre a baixa quantidade de respostas pontuadas como FDJ, para a pergunta “Quais os seus projetos de trabalho ao fim da EAE?”. Antônio (Araraquara) concorda pois o número difere da quantidade de pessoas que responderam que queriam ser expositores. Marcos (EAE – Litoral Sul) lembra que o expositor não necessariamente ingressou na FDJ, o que, em tese, deveria demonstrar que a quantidade de respostas para “ser expositor” deveria ser maior que a de “ingressar na FDJ”. Gerson (CEME) lembra que o ingresso à FDJ não está atrelado às demais respostas sugeridas (“ser dirigente de algum processo de Evangelização”, “ser expositor” ou “outros”). Marcos (EAE – Litoral Sul) concorda, mas também diz entender a pontuação levantada pois, a “nível da consciência do discípulo”, ele poderia contribuir nestas outras atividades. Conclui pedindo que, a partir do ano de 2017, até 2027 (durante dez anos), o calendário da Aliança possa conter, com datas fixas, 4 datas principais: a primeira, a RGA (que já acontece); a segunda, o encontro de alunos de EAE; a terceira, o encontro de dirigentes de EAE; e a quarta, o encontro de FDJ. E que estes encontros, em linha com as reuniões do grupo de Aliança do Futuro, sejam direcionados e orientados para o processo iniciático. Que a RGA possa ser utilizada também para a melhoria dos dirigentes de EAE. Lucélia (Litoral Sul) pergunta sobre o trabalho de integração EAE-FDJ que tem sido feito (e o encontro realizado). Leandro (SP Leste) pontua que, conforme percepção na regional, o encontro não atendeu o mínimo necessário. Marcos (EAE-Litoral Sul) entende que a aproximação (entre as equipes) ocorre para que ambos caminhem para o mesmo objetivo, mas entende também que precisam trabalhar com os dirigentes, para que os mesmos também trabalhem com os alunos, para que o caminho até o ingresso seja melhor conduzido. Denis (FDJ) inicia pontuando que os dados apresentados demonstram pesos de uma ou outra regional maior e, portanto, não necessariamente as conclusões tiradas estarão refletindo o movimento como um todo, mas sim, majoritariamente, a percepção desta ou daquela regional. Seria importante “estratificar” os dados (ou seja, abrir por regional). Sobre o encontro de alunos de EAE, entende que, lembrando o início da Aliança, por mais difícil que seja, todos concordaram em seguir um calendário juntos. Assim, caso uma ou mais regionais não concordem em realizar este encontro, que esta “não-concordância” seja trazida para discussão, e não simplesmente tomar a decisão de não realizar o encontro. Pensar com cuidado nisto, pois a Aliança não é desta forma, mas sim, de cumprir aquilo que todos combinamos. Sobre o encontro de EAE-FDJ, lembra que foi combinado nas reuniões de CGI, que este encontro iria acontecer desta forma (com as duas equipes trabalhando integradas) até 2018. Diz entender a necessidade da equipe, de trabalhar especificamente os dirigentes, mas acredita que isso possa ser feito neste encontro com as duas equipes, também. Assim, entende que primeiro, devemos cumprir aquilo que combinamos até 2018, fazendo ajustes sim, mas não simplesmente mudando no meio do caminho. Marcos (EAE – Litoral Sul) propõe então manter o combinado, mas também realizarem o encontro de dirigentes de EAE. Marcos (Sorocaba) lembra de analisarmos o calendário com cautela e bom senso, para não ficarmos apenas inserindo atividades no calendário. Marlene (SP Leste) diz concordar com ambas as falas do Denis (Sorocaba) e Leandro (SP Leste), e que, na regional (SP Leste) o encontro não deixará de ser feito, mas sim feito em grupos de alunos de EAE do primeiro ano. Trata-se apenas de uma postura diferente acerca do encontro. Ana Suely (SP Norte) diz que, a princípio, não se sentiu motivada e ligada ao evento. Depois, quando

participou do encontro, sentiu-se muito bem ao verificar que diversos alunos se perceberam parte de “um todo maior”, e tiveram a dimensão do movimento de Aliança. Também pontuou que, quando um aluno entrega a caderneta “sem o teste colado”, é porque o dirigente não fez a sua parte. Não sabe se este tipo de situação possa ser resolvida em encontro, ou se cabe mais uma conversa, explicando questões mais “técnicas” ao dirigente. Uma coisa é um encontro, para “tocar o coração”, outra coisa é dar a devida orientação aos dirigentes. Denis (Sorocaba) volta a questão do encontro de alunos, informando que, caso todos juntos decidam que esta estrutura de encontro que está realizada na SP Leste seja a melhor para o momento, que todos então façam desta forma. E que o importante é atravessarmos estas situações todos juntos. Gerson (CEME) faz uma comparação com um piloto que guia um avião por um trajeto e que, no meio deste, enxerga uma tempestade e opta então por realizar um desvio, para o bem de todos, retomando o trajeto mais a frente. Diz que é desta forma que entende a proposta da equipe de EAE, que, se está identificando algo que precisamos corrigir (enquanto movimento), mesmo que combinamos outra coisa há um tempo atrás, precisamos alterar nossas decisões. Guidini (Hovsana Krikor) diz que, ao longo dos últimos anos, a EAE foi cerceada das suas capacidades de cuidar do programa. As capacitações que ocorriam durante a RGA ou os encontros de dirigentes de EAE pararam de acontecer. Outras atividades correlatas continuam acontecendo no âmbito de regionais. No entanto, a essência de trabalhar em conjunto para a EAE parou de acontecer. Após acompanhar as discussões da equipe de EAE no dia anterior, entende que o projeto de trabalho para 10 anos é fundamental, inclusive pela necessidade da existência de um fórum de discussão do programa de EAE, que hoje não existe. É necessário elegermos prioridades e isto deve refletir no calendário. Cuidar da EAE é prioridade do movimento. Sobre o encontro de alunos, na parte de conteúdo, ainda temos tempo para discutir. Mas entende que o encontro tem que ocorrer sim, para que a EAE não fique “a deriva”. A equipe de EAE tem uma preocupação efetiva, que é a melhoria do programa. É importante deixar claro esta prioridade sobre a EAE. Luiz Pizarro (EAEgd – SP Centro) diz que o “quadro” (qualidade de dirigentes e expositores) é o que mais se discute nos últimos 20 anos. Colheu algumas percepções de que a qualidade das aulas, principalmente dos expositores, está muito baixa. Assim, se iremos realizar encontros, que foquemos nossas energias em qualificar os dirigentes e expositores. Fazendo apenas “encontro por encontro”, certamente teremos problemas de calendário. Tomando por base a SP Leste, que organiza periodicamente encontro de dirigentes e expositores de EAE, é um exemplo bom. Mesmo assim, na sua opinião, falta a “obrigatoriedade” de um dirigente participar de um encontro como este. Compartilhou que, recentemente, ao dar uma aula sobre iniciação espiritual, um aluno chegou mais de uma hora atrasado na turma, com consentimento do dirigente. Após pontuar ao dirigente que não tratava-se de uma postura correta, o aluno e alguns outros alunos se retiraram da aula. Diz que já relatou estas situações à vários grupos (Diretoria, equipe de FDJ, etc), mas que não há um retorno efetivo sobre o assunto. Sugere então, que a equipe de EAE concentre suas energias nesta questão da qualidade. Marcos (EAE – Litoral Sul) finaliza dizendo que a proposta da atividade que será feita na RGA pela EAE é voltada aos dirigentes. Osmar (SP Oeste) pergunta se será votado estas questões trazidas pela equipe de EAE. Os conselheiros informam que não, mas que será pedido à equipe de EAE que traga uma proposta, na reunião de setembro. Gerson (ABC) pede ao conselho que reflita sobre as questões levantadas pela equipe, para que na próxima reunião, todos possam estar conscientes do que deve ser analisado.

Mocidade - Eric (Mocidade) inicia apresentando o status do plano de ação da Mocidade. Bárbara (Mocidade) lembra que o plano tem dois pilares principais: o apoio ao exterior e o censo da Mocidade. Sobre o apoio ao exterior, entendem que é o grupo de trabalho que mais agregou esforços. A primeira etapa (consolidação do curso de dirigentes para aplicação no exterior) foi concluída, com a aplicação de um curso nas casas de Cuba. A médio prazo, no primeiro semestre de 2016, proposta é concluir todas as aulas (adaptação) do programa de Mocidade (levando em consideração às características do local, olhando para Cuba, que não possuem acesso a internet e/ou outras fontes). Outro objetivo é buscar recursos financeiros para a atividade (viagens para Cuba e custeamento das vindas da Mocidade da Argentina para o Encontro Geral), através de vendas de camisetas e chaveiros (nos eventos que as regionais têm organizado). Também passaram todo este material do curso de dirigentes para os voluntários da Argentina (em espanhol), o que ajudou bastante. Eric (Mocidade) informa que, desde a última reunião, conseguiram duas indicações para voluntários para irem à Argentina. Bárbara (Mocidade) retoma informando que, este processo de trabalhar o curso de dirigentes e as experiências vividas em Cuba fizeram com que também começassem a se focar na revisão do curso, no modelo que hoje é aplicado. Entende também que, após estas atividades voltadas ao curso de dirigentes, irão começar a olhar para o

programa de aulas, que também pode ser revisto e melhorado, em alguns aspectos. Adalberto (Litoral Centro) aproveita para informar que a caravana para a Argentina ocorrerá entre os dias 5 e 15 de novembro, de 2016. Eric (Mocidade) retoma falando sobre o outro pilar do plano de ação, que é a realização do censo e, após a sua análise, fazer propostas de aprimoramento. O censo foi dividido em três fases: a primeira foi focada no tamanho e abrangência do movimento de Mocidade; a segunda, na realidade das turmas e qualificação dos dirigentes; e a terceira, uma percepção dos trabalhadores e dos alunos em relação a Mocidade. A proposta a curto prazo (que era a realização do censo, bem como a análise dos dados obtidos) foi concluída. Ao todo são 192 turmas de Mocidade, com 1550 alunos e 500 trabalhadores. Uma dificuldade foi o contato com as regionais Pernambuco-Alagoas e Bahia-Ceará. Todas as análises e dados levantados estão disponíveis com os coordenadores regionais de Mocidade. Após estas análises, foi identificada a necessidade de se analisar o curso de dirigentes de Mocidade. Na última fase, após colherem a percepção do aluno sobre a Mocidade, foi identificada também a necessidade de se reavaliar o programa de aulas. Bárbara (Mocidade) traz alguns pontos que consideram importantes, tais como: metades das turmas declararam que estão envolvidas em algum tipo de trabalho, fora Mocidade (como dentro da casa, por exemplo); apenas metade das casas do movimento participam do Encontro Geral de Mocidades; a maior parte dos alunos de Mocidade vem da Evangelização Infantil e da Pré-Mocidade; a maior parte dos alunos também informou gostar das aulas com expositores; metade dos expositores que dão aulas na Mocidade vem da EAE. Cristina (SP Centro – Discípulos de Jesus) pergunta se as casas conselheiras irão receber estes dados, como parte do processo de avaliação do plano de ação? Eric (Mocidade) informa que sim, que irão disponibilizar também este material. Leandro (SP Leste) pergunta se os membros da equipe de coordenação de Mocidades poderiam participar de uma reunião da regional, para apresentação do conteúdo. Bárbara (Mocidade) responde que irão conversar com os coordenadores de Mocidade da regional para dar todo o suporte a eles, para que eles possam apresentar.

3º assunto:

Evangelização Infantil - Filomena (Evangelização Infantil) inicia lembrando o plano de ação da equipe, que é a análise dos cursos de formação de evangelização (e conseqüentemente, dos livros de apoio). É um primeiro passo para uma futura revisão. Inicialmente, foi estabelecido que a equipe de apoio é formada por todos os coordenadores de evangelização das regionais. Mas também perceberam a dificuldade de possuírem uma equipe muito grande e, após uma proposta de ajuda da Rosario (SP Leste), um novo grupo foi formado. Foi feito um questionário direcionado aos voluntários que aplicam módulos nos cursos de formação de evangelizadores, e enviado aos coordenadores regionais de evangelização. Até o momento, 5 regionais responderam o questionário. Ainda estão no aguardo de novas respostas, mas já iniciaram o processo de tabulação de dados. A equipe também refletiu sobre o entendimento por parte das casas espíritas (e seus voluntários de outras atividades) em relação à Evangelização Infantil, e como surgem as oportunidades para serem apresentadas aos alunos, sobre o trabalho. Desta reflexão, surgiu um novo questionário. Não querem apenas ver dados, mas que as pessoas que forem responder possam pensar sobre a Evangelização Infantil a fundo. Este é o ponto no qual o trabalho se encontra. Em relação ao cronograma do plano de ação, está um pouco atrasado, no quesito da formação da equipe. Guidini (Hovsana Krikor) pergunta sobre as regionais que responderam, como ficou? Filomena (Evangelização Infantil) responde que 5 regionais responderam os questionários, faltando as demais 14 regionais. Os desafios são tanto estimular as pessoas a respondê-lo quanto encontrar estas pessoas que aplicam módulos nos cursos de formação. Não é cobrança, mas seria importante sabermos se o material está ajudando ou contribuindo com o trabalho. Osmar (SP Oeste) pede que envie para o ele, como coordenador regional, para falar com a equipe de Evangelização da regional, no sentido de ajudar as respostas. Pergunta também sobre o atraso no cronograma, se ele é mensurável, ou não é possível identificar se ele impactará na finalização do plano de ação. Filomena (Evangelização Infantil) responde que estão 6 meses atrasados, mas acredita que a equipe pode recuperar este tempo, caso consigam superar estas dificuldades do momento. Jorge (SP Sul) concorda em enviar aos coordenadores regionais, e que também se estabeleça um prazo. Filomena (Evangelização Infantil) responde que o prazo foi estabelecido, que era para o último dia 10, mas mesmo assim, só receberam 5 respostas. Joaceles (GAMD) pergunta da possibilidade de enviar o questionário ao CGI, também para ajudarem. Maria José (Litoral Centro) diz que, como estamos no CGI, podemos ajudar nesta atividade, colocando um prazo nela, de forma que o atraso não gere impacto na finalização do plano de ação. Luiz Amaro (ABC) lembra que o CGI pode ajudar a equipe falando do trabalho nas visitas às casas. Maria José (Litoral Centro) finaliza, pontuando então que equipe irá enviar o questionário

aos coordenadores regionais e ao CGI.

EAEgd - Luiz Pizarro (EAEgd) inicia dizendo que a equipe está em atividade há 8 anos e meio, quando, em 2009, surgiu a oportunidade de aplicar o programa de EAE a grupos de pessoas que não tem acesso a um centro espírita. Explica que o trabalho tem algumas particularidades que o diferem do modelo de EAE com aulas presenciais, pois, como é uma escola iniciática, pode ocorrer sem um “condutor” (figura do dirigente) e também sem expositor. Estas eram as dificuldades (falta de centro espírita próximos, falta de dirigente e falta de expositor) que motivaram a criação do trabalho. O mais importante não é o modelo, mas a forma com que ele foi concebido, ou seja, o programa é o mesmo (de EAE), com uma forte ênfase no aspecto iniciático. Tais princípios iniciáticos são: primeiro, disciplina e obediência, que são aspectos extremamente importantes e que se iniciam no Curso Básico de Espiritismo; segundo, é a participação em grupo, pois, quem conduz o programa são os próprios alunos (desde a preparação, coordenação da discussão e vibrações), e, como resultado, no aspecto prático de condução de uma turma (mesmo ele não tendo ingresso na FDJ), o aluno está apto a ser um dirigente de EAE, ao final do terceiro ano. A equipe encontra-se no momento de “passar o bastão” aos voluntários que trabalham nos centros de Cuba. Neste mês, a equipe de Pré-Mocidade aplicou o curso em voluntários de lá. Assim, já ocorreram todos os cursos (dos programas) para formação dos dirigentes. Sobre o curso de médiuns, a dificuldade era “como aplicar este curso, sem um dirigente?”. Inicialmente, entendiam que não era possível. Mas, com apoio da equipe de Mediunidade, conseguiram estruturar a condução do curso sem um dirigente. A fase atual é o desenvolvimento deste modelo para multiplicação nas regionais. A equipe está aberta recebendo o contato das regionais (até a próxima reunião do CGI), para montarem um modelo para aplicação, em 2017. O foco não é na metodologia, mas sim, daquilo que é essência no programa, que é a Iniciação Espiritual. Este modelo pode ter uma alta propagação. No processo de “passar o bastão” para Cuba, está faltando apenas a questão dos exames espirituais. Até o final deste ano, objetivo é que todos os exames de final de primeiro ano da EAE sejam feitos em Cuba. Haverá ainda um caso de uma cidade isolada que muito provavelmente a equipe continue dando suporte por aqui, mas é uma exceção. A equipe trouxe um material que contempla as respostas para algumas perguntas realizadas na última reunião do CGI. Luiz (Ribeirão Preto) pergunta se temos, então, três formatos de EAE, sendo um presencial e dois à distância? Luiz Pizarro (EAEgd) explica que a diferença é o fato de, apesar dos alunos conduzirem a aula, a equipe de dirigentes está presente a cada três meses. Não são levados expositores, pois os dirigentes tratam, prioritariamente, de questões iniciáticas. Ao longo de cada turma, são entre 13 a 14 visitas dos dirigentes, sendo o 15º, o ingresso ao grau na FDJ. Estamos indo para a 32ª caravana à Cuba, com uma experiência diferente a cada turma. A equipe de caravaneiros tem contato com 70 a 80 turmas de EAE, lendo cerca de 400 cadernos de temas e pouco mais de 300 cadernetas. Assim, o caravaneiro tem uma visão muito ampla de todo este processo (início, meio e fim da EAE). Em Cuba, as EAES se iniciam em junho ou dezembro. Em paralelo, também ocorrem os Cursos de Médiuns. Cristina (SP Centro – Discípulos de Jesus) diz que está sendo proposto um curso para aplicação deste modelo. Ele não deveria passar pela aprovação do CGI? Além disso, questiona pois, no seu entendimento, o modelo apresentado era transitório. Não entende ser necessário esse modelo no Brasil. O que justifica este curso para este modelo, aqui para o Brasil? Entende que em Cuba, também já superaram esta fase (EAE e Curso de Médiuns sem dirigentes). Assim, as EAES que ocorrem em Cuba é que deveriam então começar a adotar o “modelo brasileiro” (refere-se a EAE no modelo presencial, com dirigentes). Luiz Pizarro (EAEgd) entende que, por se tratar de um trabalho de discípulo, o CGI o apoia, sem a necessidade de aprovação. O que o CGI aprova é o programa de EAE. Lembra que, ao olhar para o mapa do Brasil, há uma grande faixa territorial sem qualquer EAE (turmas estão concentradas na região sudeste de São Paulo). Assim, não é um modelo de transição, mas um modelo de expansão, multiplicação, de “derrubada da parede da casa espírita”, que, inclusive, por várias mensagens mediúnicas, entende-se sua importância no quesito expansão. No Brasil este modelo também pode ser aplicado. O planeta precisa dessa informação (EAE). Neste modelo (EAEgd), uma pequena equipe está conduzindo mais de 100 grupos. Este é o potencial de expansão. No tocante de levar o modelo aplicado aqui no Brasil, entende que no momento, este “não leva a transformação moral”, focando mais no aspecto “consolador”, do que verdadeiramente no aspecto “redentor”. Tadeu (Vale) pergunta se há algum processo nosso que não está validado, que não deveria ser aplicado em Cuba. Luiz (EAEgd) responde que apenas se referiu de forma geral ao modelo aplicado por aqui. Temos deficiência na formação dos dirigentes e na exposição de aulas, o que, no modelo aplicado em Cuba, é resolvido, pois o próprio aluno se prepara para a aula. Cristina (SP Centro – Discípulos de Jesus) entende sim

que estamos criando dois itens de programa e não acredita que o modelo aplicado aqui “é um desastre”. Os problemas de formação de expositores não estão no programa, mas sim na prática. Entende que estamos abrindo inscrições para um curso de um modelo que não foi discutido amplamente. Osmar (SP Oeste) compartilha que não vê nenhum problema em tratar estas questões de acordo com a necessidade, tal como ocorreu em Cuba. Na EAED, também tem aulas de grupo a distância. Levar o conceito do modelo presencial para Cuba ocorrerá no momento propício, pois lá o trabalho também irá se desenvolver. Diz ficar receoso ao ouvir, dentro de uma reunião de CGI, um “estudo diferenciado” de modos iguais, com a mesma finalidade. Hoje temos três modelos com o mesmo programa, mas estamos tratando-os de forma diferente. Não é tudo EAE, alterando apenas o formato de aplicação? Importante o CGI se posicionar sobre o assunto. Bárbara (Sorocaba) compartilha que teve a oportunidade de visitar as EAES em Cuba e, analisando as últimas reuniões do CGI, enxerga uma “resistência” de aprender com as coisas que dão certo no modelo aplicado lá, e que poderia também ser aplicado aqui, sem deixar de ser presencial (com dirigente), para que o aluno saia mais consciente de seu processo de iniciação. Osmar (SP Oeste) concorda, mas diz que não podemos ficar em um embate toda reunião, a respeito de um assunto que é igual. Ana Suely (EAED – SP Norte) lembra do que disse na reunião do CGI ocorrida na regional Minas Gerais. O campo de trabalho é muito grande, a EAED ou EAEGd estão trabalhando na mesma causa. Entende que precisamos (como movimento), pedagogicamente, definir onde queremos chegar. Concorda que hoje nossa grande dificuldade é a questão da qualificação do dirigente e do expositor. Com este modelo (EAEGd), estamos eliminando este problema pois não existe mais a figura do dirigente e do expositor. Desta forma, daqui a dez anos, como estará a Aliança? Se hoje, com toda cobrança junto aos dirigentes e expositores, chegamos neste ponto, e daqui dez anos? Entende que, como movimento, precisamos definir o caminho que iremos seguir, para que, daqui a dez anos, colhermos os frutos desta decisão. Luis Pizarro (EAEGd) faz uma correção, informando que tem sim uma equipe de dirigentes, que é aquela que vai periodicamente. Há também dirigentes cubanos conduzindo turmas, bem como foram feitos diversos cursos de expositores, que já estão dando aula e fazendo preleções. Ana Suely (EAED – SP Norte) diz que, se decidirmos por adotar o modelo de EAEGd, fazendo uma simples comparação numérica, a quantidade de EAES seria muito alta (considerando que cada dirigente assumisse no mínimo 12 turmas). Precisamos pensar em nossas casas e retomar este assunto na próxima reunião. Joaceles (GAMD) pergunta ao CGI “quem já foi a Cuba?”. São pouquíssimas pessoas que foram, e seria importante que fossem, para podermos discutir este assunto. Lembra que, quando foi a Cuba ano passado, já alguns dirigentes de lá estavam fazendo verificações de cadernetas, e realizando corretamente. Como tem apoiado o trabalho na Austrália, acredita muito que este possa ser um modelo que também dará certo lá. Guidini (Hovsana Krikor) pergunta novamente quem foi a Cuba? Como uma percepção particular, diz não enxergar a mesma vibração nas pessoas quando falam das atividades em Cuba (aqueles que foram) em comparação com as atividades que realizam aqui no Brasil. Queria entender o porquê desta distinção. Adalberto (Litoral Centro) responde que a diferença é que, a cada três meses, há dirigentes que se dispõem a viajar para outro país. Os caravaneiros levam consigo todos os controles das turmas. Isto é o que falta, dirigentes que se disponibilizem a ir a lugares distantes, para levar a EAE a estes locais, saindo do comodismo de nossas casas. João (SP Centro) diz entender que o modelo é uma forma de iniciar os trabalhos de EAE, não finalizando o modelo tradicional já existente. Enxerga que não estamos conversando de modelos concorrentes, mas apenas formar pessoas (com o curso), para que possam estar aptas a esta atividade e trabalhar na expansão das EAES. Ana Suely (EAED – SP Norte) diz que, pelo ser humano ter a tendência de caminhar em direção ao mais fácil, este modelo extingue o dirigente e o expositor, pois em pouco tempo as regionais irão todas substituir as EAES nas casas espíritas por este modelo. Questiona se é isso que queremos (enquanto movimento)? Eduardo (Diretoria) pontua que, conforme a convocação para reunião, nosso objetivo era ouvir os relatos e comentar alguns pontos sobre a apresentação. Não iremos agora definir os rumos da Aliança. Pede que, independente de estarmos no processo de questionamentos sobre o assunto, precisamos prosseguir com a reunião. Guidini (Hovsana Krikor) finaliza o tópico retomando sua pergunta, e explica que qualquer programa que seja colocado em prática “sem vibração”, nasce morto. Enxerga que nossos ânimos aqui no Brasil estão enfraquecidos. Entende que deveríamos olhar mais o que estamos fazendo por aqui (somos poucas casas, mas todas construídas com muita dedicação), nos empenharmos em melhorar, assim qualquer problema a ser apresentado aqui no CGI, ele será resolvido. Do contrário, se olharmos qualquer programa sob o aspecto institucional, ele nascerá morto. Sugere que retomemos este assunto na próxima reunião do CGI (setembro), continuando no trabalho de aprofundamento, de amadurecimento, para tomarmos a decisão mais pertinente. Isto impacta sim no futuro da Aliança. Lembra do trabalho do Projeto Paulo de

Tarso, pois participou de algumas reuniões e, pelo foco ser muito amplo (o mundo), enxerga certa dispersão e cansaço. Pede uma reflexão profunda ao CGI sobre o “espírito que está presente em nossos programas, nossas EAEs, cursos de médiuns, reuniões” (no sentido do “ânimo” colocado nestas atividades). Lembra da recepção de Edgard Armond aos espíritos de Bezerra de Menezes, Hilarion, Ismael, Razin, todos espíritos ligados ao Cristo, e compara com o nosso ânimo hoje junto aos nossos programas. Lembra da passagem da conversão de Paulo e diz que parece precisarmos “passar pela estrada da Damasco” mais uma vez, para nos reencontrarmos com alguns conceitos perdidos. Que na próxima reunião, nos lembremos do caráter espiritual, e do amor que nos remete ao Cristo e que nos faz estar aqui.

4º assunto: Eduardo (Diretoria) fez uma introdução ao assunto, apresentando o Antônio Carlos, membro da diretoria do CVV. Nos últimos anos, houve um novo posicionamento do Ministério da Saúde sobre as questões dos hospitais psiquiátricos. Fomos, como movimento, forçados a refletir no porquê o suicídio e a saúde mental estão ligados. Primeiro, houve um relato da espiritualidade, através do livro “Memórias de um Suicida”. Depois, alunos de uma EAE criaram um trabalho de prevenção ao suicídio, que é o CVV. Por último, frente ao desafio da saúde mental com a expansão de um trabalho de desenvolvimento social, foram pessoas que “estavam com a Aliança na cabeça”. Os grupos que colaboraram com o surgimento da Aliança são os mesmos grupos que auxiliaram no surgimento deste processo. Um dos primeiros grupos da Aliança ficava em São José dos Campos (hoje não existe mais), servia de “base” para fazer vibrações pelos pacientes da clínica. Nos últimos anos, surgiu então uma proposta de como o movimento espírita poderia ajudar. Antônio Carlos (CVV) inicia lembrando o surgimento do CVV, com alunos da EAE recebendo um envelope (“aqui está uma boa proposta de trabalho”), com dados e estatísticas sobre suicídio. Nasce então o CVV. No início, eram só espíritas. Depois de 10 anos de trabalho, foi aberto, não precisando ser espírita. Com isso o trabalho cresceu e se multiplicou. Só depois vem surgir a Aliança. Em 1995, a Diretoria de CVV e de Aliança, que era única, para desenvolvimento dos dois trabalhos, se separa fisicamente. Foi um processo difícil. No CVV, também tem uma reunião de Conselho (igual a esta que estamos participando). “Um é cópia do outro”. Lembra das discussões no CVV anos atrás sobre começar a ter atendimento por chat na internet. Inicialmente foi muito criticado, mas hoje ele existe. Acredita que as ideias não nascem aqui, no mundo material, mas nascem no mundo espiritual. Quando nascem aqui, se são boas, recebem todo apoio. Se não, morrem na fonte. “Se for bom, apesar de nós, irá em frente”. Conta que o CVV foi contemplado com um prêmio, e receberá um valor financeiro para montar um aplicativo. Acredita que a cartilha (cartilha do suicídio) nasceu há alguns anos, quando o tema “suicídio”, que não queremos conversar a respeito, passa a ser uma preocupação mundial, uma “epidemia”. A cartilha só resume o que já está sendo falado. Entende que, nos problemas que estão acontecendo no mundo neste momento de transição, muitas vezes nós mesmos passamos a fazer parte destes problemas, precisando nos distanciar e olhar de fora para eles. Um dia falaremos: “eu tive a oportunidade de viver em um momento de transição no planeta”, e contaremos nossas experiências vividas neste mundo. Não reconhecemos o homem espiritual no mundo de hoje. Um suicídio ocorre a cada 40 segundo no mundo. Cerca de um milhão no mundo. Das quatro formas violentas de morte, suicídio é a segunda (frente ao homicídio e guerras e conflitos), sendo que a soma da terceira e quarta é inferior ao suicídio. Apenas 26 países passam estatísticas sobre suicídio, o que, muito provavelmente deve fazer este número subir. Se olharmos sob o aspecto espiritual, ano após ano, com o aumento dos suicídios, mais e mais existem espíritos atormentados. Uma vida interrompida, com a energia vital ainda cheia. Ele não está no mundo espiritual, mas sim em uma perturbação. Não consegue sair, pois quis romper um sofrimento. Ele quis morrer, mas acorda vivo, sofrendo das mesmas angústias anteriores, somado ao desespero de não entender sua situação, não conseguindo ser auxiliado pelo Plano Espiritual. Assim, é o mesmo Plano Espiritual quem nos está pedindo ajuda. Parece que não existe outro grupamento, que não os espíritas, aptos e capacitados, com recursos a ajudar neste sentido. Talvez o foco maior não seja no grupo desta reunião, mas levarem a cartilha aos trabalhos de assistência espiritual, estimulando-os a ler. Com simples gestos, a equipe espiritual já está influenciando dirigentes, médiuns, se reunindo ao desdobrar no sono, assim, eles irão se sentir atraídos ao assunto. Devemos ser apenas facilitadores. Tal como o dirigente de EAE, que também é um facilitador. Este assunto foi bem apresentado na obra “Memórias de um suicida”, que todos conhecemos, mas pouco lemos. É uma leitura difícil. Foi psicografado nos anos 20, mas só publicado nos anos 50, pois a Yvone Pereira achava que estava louca. Sugere a leitura do capítulo 6 do livro. Todos irão encontrar neste capítulo a criação das EAEs. Ele relata a entrada do Camilo nas universidades no Plano Espiritual e as aulas preparatórias para ele encarnar. Tal como na EAE, as primeiras aulas são sobre

a Gênese. O trabalho do CVV e da Aliança, no fundo, é uma coisa só. Ano passado, o intercâmbio mediúnico na Aliança tinha uma mensagem direcionado à diretoria do CVV, no sentido da necessidade de discutir o tema. Há muitas pessoas que adentram as casas espíritas e não conhecem o CVV, pessoas com depressão, por exemplo. Aliança e CVV são uma coisa só, pois estão ligadas à Fraternidade Esperança, de onde saiu todas as propostas de trabalho que estamos realizando. No livro, após alguns resgates de espíritos que se suicidaram, os médicos espirituais relatam que eles precisavam de mais apoio. Necessitam ser “chocados”, com contato com a matéria, através dos médiuns. Desde a época do livro, o Plano Espiritual não “dá conta” da quantidade de atendimento a suicidas. Soma-se a isso o momento de transição, onde passamos por reurbanizações do astral próximo da Terra, e estes espíritos precisam ser resgatados. Muitos precisam passar inclusive por reencarnações compulsórias. Precisamos ajudar o Plano Espiritual nesta tarefa. Continuando sobre o a obra, conta-nos que caravanas saem a procura de grupamentos que possam ajudar no mundo todo com esta tarefa. É escolhido então o Brasil pelo maior número de médiuns e grupos de estudo sérios, sobre o assunto. O convite é então apresentado aos médiuns, durante desdobramento em seu sono. Apresenta-se a 12 médiuns a proposta, mas apenas 6 aceitam o trabalho. No primeiro dia de atividade, o grupo era de 7 médiuns, sendo que 3 faltaram a reunião. Em volta ao local, caravanas de espíritos sofredores são trazidas, que simplesmente vão passando e, apenas com o “choque”, através das orações feitas pelos médiuns, já é o suficiente. O livro relata duas incorporações. Mas, pela experiência que tem vivenciado, esta incorporação não é necessária, mas só o trabalho de vibração já é de grande importância. O mundo espiritual está pedindo ajuda, não só para o Brasil, mas para o mundo. Certas regiões do Brasil apresentam índices de suicídio diferenciados de outras regiões. Casos como suicídios em populações indígenas ou mesma entre refugiados. Não podemos nem imaginar o sofrimento destes. Não nos cabe julgamento, mas sim apenas ajudar. Este é o apelo que temos. Não só com a Aliança, mas temos bastante contato com outros grupos. Estamos abertos para conversar e para levar estas propostas. Alguns grupos da Aliança já estão fazendo também e pedindo cartilha. A proposta é simples: um grupo de 4 a 5 pessoas, com uma pessoa na coordenação. Preparar-se, fazendo vibrações. Selecionar o grupo que vai participar (evitando pessoas emocionalmente abaladas). No início, vão perceber que não é só com suicidas que o trabalho começa, pois há necessidade de bom preparo pelo grupo. Mas mesmo assim, o plano espiritual aproveita trazendo outros espíritos igualmente necessitados. A medida que o grupo vai ficando coeso, o trabalho começa a ir ao encontro dos suicidas. É um trabalho singelo. Os grupos que vivenciam a experiência, ficam extasiados com as possibilidades de trabalho. Encerra ficando aberto a qualquer necessidade (reuniões, mais exemplares das cartilhas, etc). O download da cartilha está disponível no site da Aliança (tanto a versão impressa quanto o *audiobook*). Sente que é uma tarefa que está apenas começando e não sabemos o desdobramento disso. É uma maior aproximação entre CVV e Aliança. Pode ser um trabalho para os discípulos de Jesus, pois as pessoas se reúnem em torno do trabalho. Foi entregue aos coordenadores regionais uma versão do *audiobook*, para copiarem e distribuírem em suas regionais.

5º assunto: Eduardo (Diretoria) inicia dizendo que, em função da reunião já ter ultrapassado o horário, o tópico relacionado a “Proposta para o levantamento de informações sobre o movimento de Aliança” não será apresentado. Mesmo assim, será enviado um resumo ao CGI do que seria apresentado, recolocando este assunto na próxima reunião, em Ribeirão Preto.

6º assunto: Eduardo (Diretoria) inicia o tempo destinado às informações da Diretoria. Em relação ao Encontro de Alunos, entende que durante a reunião, todos já se posicionaram, dando bons feedbacks sobre o encontro. Sobre a Aliança do Futuro, lembra que o grupo fez um convite às equipes de EAE e FDJ, para conversarmos sobre Iniciação Espiritual. A reunião ocorreu na Clínica Francisca Júlia, local importante na criação tanto da Aliança quanto do CVV. Sobre as visitas das casas conselheiras, perguntou ao CGI e obteve algumas respostas: 9 casas conselheiras fizeram contato com as casas que irão visitar, por telefone. Mais 2 casas fizeram este contato por meio escrito. A casa conselheira Paulo de Tarso (regional Centro-Oeste) já fez uma visita, na regional Araraquara (aproveitando a ida para esta reunião). Eduardo (Diretoria) aponta que esta é uma boa estratégia (aproveitar as reuniões para já fazer algumas visitas), e que, em relação a trabalhos de conselho, todos precisamos estar atentos, a todo momento, não só a cada três meses, durante nossas reuniões, pois estaremos perdendo grandes oportunidades.

Encerramento: Eduardo (Diretoria) encerra retomando alguns pontos das conversas desta reunião. Lembrou que, durante o intercâmbio mediúnico no início da reunião, foi muito tocado no assunto da “expansão”. Em uma reunião da Diretoria, foi aberto um mapa do mundo, com a presença dos grupos filiados a Aliança. Ao expandir para uma visualização do Estado de São Paulo, percebemos que uma faixa ao leste do Estado concentra 85% dos grupos de toda a Aliança. Estamos “ciscando” no mesmo lugar. Tomando a Índia, por exemplo, ao olhar sobre esta nossa situação, talvez estejamos muito pouco preparados para ajuda-los. Demorou de 5 a 6 anos para o modelo de Cuba se mostrar maduro, para então começarmos a tradução para o espanhol. Temos contato com uma discípula que vive na Nova Zelândia que relatou que não encontraram brasileiros interessados em um programa de EAE a distância, mas que encontraram neo-zelandenses interessados em um programa de auto-conhecimento. Possuem lá um pequeno grupo voluntários que dominam bastante a língua inglesa. Também tem contato com uma turma em Edmonton, que, a cada três meses, tem as aulas sobre Iniciação, mas via Internet, não de forma presencial. Percebemos que facilita por um lado, mas tem uma dificuldade por outro (as impressões espirituais, principalmente). Em reunião, temos um esforço grande pois estamos sempre lidando com o equilíbrio de qualidade com expansão. Não se pode multiplicar algo inferior, ou seja, não podemos multiplicar uma EAE que ficou distorcida, pois estaríamos então fazendo um mal trabalho. Precisamos sim multiplicar uma boa semente. É natural, então, que nossas conversas em reuniões gerem algumas divergências, pois estamos, ao mesmo tempo, preocupados tanto com a qualidade quanto com a expansão. E devemos continuar pensando em fazer as duas coisas. Aliança, CVV, Médico Sem Fronteiras, são algumas entre inúmeras iniciativas que demonstram que estamos em um momento diferente no planeta. Não somos salvação do mundo, mas sim, somos nós quem precisamos nos salvar. No fundo, somos também “parte do problema”. Alguns trabalham pela correção dos erros, alguns pela criação e outros pela multiplicação. Acima de tudo, o que precisamos é torcermos uns pelos outros. Conciliar diferenças, visões. A Aliança precisa cumprir sua missão. Só vamos conseguir isso se nos ajudarmos, considerando estes focos diferentes. E mesmo assim, precisamos “ser Aliança”. “Os tempos finais trarão a alvorada de um novo tempo”. Não sabemos o que vem pela frente ou como será o mundo no futuro, mas, somos alguns entre muitos que foram “convocados” para participar deste processo, viver este momento. Todos os itens dos encontros de Aliança (EAE, FDJ, ingressos, atividades mediúnicas, etc) são vários aspectos diferentes de um mesmo todo. Estamos participando da transformação do mundo. Só que nós aprendemos a fazer isso a partir da transformação do “mundo de dentro” (interior). Temos que aproveitar isto e participar ativamente deste momento. Que possamos levar estas conversas para nossas casas, conversar com mais pessoas, não deixar para pensar neste tipo de assunto de três em três meses, ficando focados só na rotina do dia-a-dia. Precisamos colocar “lenha na fogueira” e participar da construção de um tempo novo.

Por fim, as casas conselheiras CEME (SP Oeste), Hovsana Krikor (SP Norte) e Casa Verde (SP Norte) se disponibilizam para participar da construção e confecção da próxima pauta da reunião do CGI. Alguns assuntos que irão entrar na pauta da próxima reunião já estão definidos, como o retorno do assunto de EAEdg, tópico de levantamentos de dados da Aliança, calendário 2017.

Eduardo (Diretoria) pontua que entende que foi muito bom realizarmos esta reunião na regional Araraquara, e esta já é uma tendência (duas reuniões em São Paulo e duas reuniões em regionais que não estão em São Paulo). Também pontua que foi percebido que a reunião de março foi prejudicada, pois todas as reuniões aconteceram no mesmo final de semana (Coordenadores, CGI e AGI). Talvez, para uma próxima oportunidade, será trabalhado para a melhoria da qualidade das reuniões.

Sem outros assuntos a tratar, a reunião foi encerrada às 12h45.

São Paulo, 26 de junho de 2016.

Aliança Espírita Evangélica